

Ronny Someck, poeta e professor: 'Se você desse a poetas 10 minutos, haveria paz'

Natural de Bagdá e criado em Israel, escritor traduzido em 41 línguas usa poesia para “dar última chance” a jovens de gangues de rua . Ele veio ao Rio para evento literário



Criado em meio ao multiculturalismo, o poeta se diz um otimista e vê a arte como um caminho para a paz

por Danielle Nogueira

17/11/2015

“Nasci em Bagdá há 64 anos e fui criado em Israel. Minha mãe era costureira e meu pai, servidor público. Sou casado, moro na na Grande Tel Aviv e tenho uma filha bailarina. Estudei literatura hebraica, desenho e filosofia mas só virei poeta por causa de um bilhete de amor enviado a uma moça. Quando fui reler, vi que dava para o ofício”

Conte algo que não sei.

O médico que fez o parto era alemão. Minha babá era árabe. Vim de Bagdá com um livro vazio de memórias.

Por que sua família se mudou para Israel?

Eu era um bebê. Mudamo-nos para Tel Aviv três anos após a criação do Estado de Israel, quando judeus de vários países fugidos do holocausto iam para lá. Primeiro, ficamos em um campo de transição, com imigrantes até conseguir uma moradia. Era um ambiente culturalmente muito rico.

O multiculturalismo, então, foi de berço.

Quando cheguei a Israel tive contato com famílias das mais diferentes origens. Eram 70 comunidades. Falavam polonês, inglês, francês. Mas nos entendíamos. Primeiro, houve uma

tentativa de construção de um modelo sociocultural para as pessoas se encaixarem. Mas é um grande erro achar que se pode mudar as pessoas contra a vontade. Cada família queria preservar suas tradições. Israel é uma Torre de Babel.

Isso abriu sua mente poética?

Não foi o que me levou para a poesia. Quando era adolescente, jogava basquete num time local. Um dia mandei um recado para uma menina por quem estava apaixonado. Quando reli a mensagem, dei-me conta de que era um poema. Comecei a escrever um atrás do outro. Resolvi mostrar para duas pessoas que não conhecia para saber se era poesia.

E era?

Mandei para um jornalista. Ele publicou o poema duas semanas depois no jornal, sem me pedir autorização. Havia um erro de digitação no meu nome e passei a assinar Ronny Someck, em vez de Somech.

A paz é possível através da poesia?

Se você desse a poetas dez minutos, haveria um acordo de paz logo. Sou um otimista. Toda a minha vida eu tentei construir uma ponte entre judeus e árabes. Ou, como costumo dizer, entre o meu lado leste e o meu lado oeste. Por exemplo, eu tomo arak e coca-cola, ouço Abad El Wabb e Pink Floyd. Acredito que um dia vamos viver em paz.

Do que mais se ressentete?

De nunca ter voltado a Bagdá. Nunca consegui visto. É uma cidade que só conheço pelas lembranças e pelo coração do meu avô. Na Guerra do Golfo, em 1991, vi a cidade ser destruída. Naquele momento, senti que havia perdido o lado leste da minha vida.

Como é a experiência de ensinar jovens de gangues?

Dou aula nas chamadas last chance school, para onde vão jovens com fortes problemas de relacionamento e lhes é dada uma última chance. Não mudamos 100% deles, mas a vida de parte deles. Não acho que um homem vai mudar o mundo. Acredito na poesia, na literatura para mudar a realidade.

Com a crise migratória a guerra entre judeus e palestinos foi deixado de lado?

Sim, um pouco. São muitas as crises que demandam atenção internacional. E os refugiados, especialmente os da Síria, são uma nova geração.

Por que escreveu um livro se dirigindo a Fernando Pessoa?

Pessoa era um camaleão. Escrevia sobre amor, futebol, tudo. E, assim, conseguia tornar sua poesia. É um dos poetas que me influenciaram. Neste livro, há poemas que contam um pouco da minha história, desde o recomeço em Israel até questões sobre identidade.